

Lisboa, 21 de Outubro 2016

Avaliação de Risco País: novas reavaliações impulsionadas pelo choque Brexit e pela queda das receitas do petróleo

- **Crescimento global: estabilidade nos países desenvolvidos, ligeiras melhorias nas economias emergentes**
- **Apesar do “histórico” Acordo de Argel, o petróleo continua a ser uma questão de suma importância**
- **4 avaliações reduzidas nos países afectados pela queda nos preços dos bens de consumo**
- **Aumento dos riscos político e bancário na Europa**
- **Incerteza Pós-Brexit: avaliação do Reino Unido reduzida para A3**

Mais vítimas do choque petrolífero

Um enorme nível de incerteza na economia global pesa sobre a saúde financeira das empresas. Dois grandes factores continuam a afectar esta situação.

Em primeiro lugar, o fraco nível do comércio global significa que uma forte recuperação do crescimento é pouco provável. Entre os países desenvolvidos – como os da Zona Euro, onde a procura interna permanece fraca – está previsto um crescimento estável no curto prazo, com 1,6% em 2016 e 1,5% em 2017. A actual situação nos EUA não está a encorajar as empresas a criar oportunidades de emprego adicionais. No Japão, apesar das políticas fiscais no sentido de compensar o fraco investimento privado, as previsões continuam sob pressão. É esperada uma melhoria, contudo, entre as economias emergentes, com um aumento no crescimento do PIB de 3,7% em 2016 para 4,2% em 2017. Isto será suportado pela saída da recessão do Brasil e da Rússia em 2017, expressa pela recuperação dos indicadores financeiros e pela baixa inflação, uma vez que os dois países atingiram os seus níveis mínimos.

Em segundo lugar, o preço do petróleo continua a ser um tema dominante nas economias emergentes. Apesar do “histórico” acordo da OPEC, no que diz respeito às quotas de produção, espera-se que o índice Brent registe apenas ganhos moderados, com uma previsão da Coface de 44 USD em 2016 e 51 USD em 2017. O regresso ao equilíbrio entre a oferta e a procura vai levar um tempo considerável. Esta constatação conduziu a uma série de revisões em baixa nas avaliações de diversos países dependentes de produtos básicos:

- **Omã (B)** enfrenta um drástico declínio na despesa pública, o que está a afectar o investimento;
- **Trinidade e Tobago (B)** enfrenta uma enorme queda na produção de gás natural e no crude, agravada por alguns campos de petróleo que atingem a maturidade e os trabalhos de manutenção feitos nos locais de produção;

- **Nigéria (D)** está em recessão e tem visto as suas reservas de moeda estrangeira a empobrecer. Este facto está a afectar a produção industrial, devido a dificuldades na importação;
- **Mongólia (D)** está afectado pelo abrandamento da economia chinesa, que absorve mais de 90% da sua exportação, bem como pelos baixos preços das matérias-primas. Este país está na eminência de uma crise financeira.

Avaliação do Reino Unido é reavaliada em baixa devido às incertezas em torno do *Brexit*

A Europa está destabilizada por riscos políticos e bancários.

Apesar dos riscos políticos prevalecerem na Grécia, Espanha e Itália, o *Brexit* continua a ser o tema principal na Europa. Embora o crescimento do Reino Unido chegue aos 1,9% este ano, espera-se que o crescimento em 2017 atinja apenas os 0.9% - apesar da descida da taxa de referência do Banco de Inglaterra em Agosto e do cenário antecipado de um acordo favorável com a União Europeia. Além disso, os riscos necessitam de ser monitorizados no sector imobiliário, que é caracterizado por uma forte dívida hipotecária para a habitação (132% do rendimento disponível) e uma sobrevalorização de 34,6% nos preços. Neste contexto altamente incerto – e com os termos da saída da União Europeia ainda por definir – a libra esterlina continua volátil e foi fortemente desvalorizada, em particular, face ao dólar.

Esta falta de visibilidade no curto prazo não está somente a pesar na confiança na economia do Reino Unido mas também em toda a Europa. Por esta razão, a Coface reduziu a avaliação do **Reino Unido** para **A3**. No entanto, as empresas podem beneficiar da desvalorização da moeda, que atingiu o seu nível mais baixo em 31 anos, face ao dólar, no início de Outubro. Apesar desta situação ter impulsionado a exportação, está a afectar o consumo privado, devido à inflação.

Para além do *Brexit*, os receios estão a aumentar no que diz respeito à saúde de certos bancos, nomeadamente, depois dos resultados dos testes de stress conduzidos este verão. Estes testes destacaram as dificuldades enfrentadas por mais de doze bancos, em particular em Itália e na Alemanha.

PARA MAIS INFORMAÇÕES:

Cláudia MOUSINHO - 211 545 408 | claudia.mousinho@coface.com



P R E S S R E L E A S E

Sobre a Coface:

O Grupo Coface, líder mundial em seguro de crédito, oferece às empresas em todo o mundo soluções globais para protegê-las do risco de incumprimento financeiro dos seus clientes, tanto no Mercado doméstico como na exportação. Em 2015, o Grupo, apoiado pelos seus 4.500 colaboradores, registou um volume de negócios consolidado de €1.490 mil milhões. Com presença directa e indirecta em 100 países, garante as transacções de cerca de 40.000 empresas em mais 200 países. A Coface publica trimestralmente as suas avaliações de risco país para 160 países, com base no seu conhecimento aprofundado do comportamento de pagamento das empresas e na experiência dos seus 660 analistas de risco e analistas de crédito, próximos quer dos clientes quer dos seus compradores.

Em França, a Coface gere as garantias públicas à exportação em nome do Estado Francês.



www.coface.pt

Coface SA. is listed on Euronext Paris – Compartment A
ISIN: FR0010667147 / Ticker: COFA